



ACEITAR, REJEITAR, CONFORMAR: AMBIVALÊNCIAS EM NARRATIVAS DE MÃES DIANTE DA “DESCOBERTA” DA HOMOSSEXUALIDADE DO/A FILHO/A

Jefferson Silveira Silva¹
Luciana Kind do Nascimento²
Patrícia Chaves do Nascimento³

RESUMO: Esta pesquisa originada a partir de um trabalho de monografia visou compreender como mães vivenciaram a notícia da homossexualidade do filho ou filha, destacando as reações e consequências dessa realidade na vida dessas mães e no contexto geral da família. Essa temática específica se enquadra no cenário histórico e social da homossexualidade e visa enfatizar o posicionamento dos pais e mães perante essa situação, que costuma ser rodeada de conflitos, tabus e preconceitos. A pesquisa teve escopo qualitativo e a entrevista narrativa foi utilizada para coleta de dados. Foram entrevistadas quatro mães de pessoas de orientação homossexual. Ao longo do trabalho de análise, foram utilizadas ferramentas da análise de narrativa, considerando elementos estruturais, temáticos e dialógicos para articulação e interpretação dos dados oriundos de cada entrevista. Os resultados obtidos demonstram que existem distintas formas de reação de cada família diante da declaração da homossexualidade dos/as filhos/as e que nem todas as famílias reagem de forma aversiva a tal realidade. Mesmo com a reação mais tolerante e acolhedora de algumas mães foi observado que todas as famílias vivenciaram sentimentos e comportamentos de negação, medo, preconceitos, decepções, discórdias, hostilidades, conflitos e angústias, decorrentes da orientação homossexual declarada e assumida. Em alguns fragmentos narrativos demarca-se aceitação, em outras, conformação e também aversão e fuga dessa realidade. O tempo, a relação amistosa entre mãe e filho/a, a empatia, a firmeza no enfrentamento de preconceitos, realidades parecidas vivenciadas pelas mães, sentimentos de amor aos/as filhos/as, foram decisivos nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; Mães; Processo de subjetivação; Homofobia familiar.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade humana se manifesta de diferentes formas no decorrer da história e de acordo com cada cultura apresenta peculiaridades, tabus, segredos e repressões, que orientam muitas vezes formas de agir e se relacionar. Nesta pesquisa a sexualidade é abordada como algo que vai além do natural e do biológico, uma vivência que envolve fantasias, símbolos, representações e linguagens, um processo plural e culturalmente marcado.

O questionamento central do estudo foi pensar como pais/mães vivenciaram a notícia da homossexualidade do/a filho/a, destacando as reações e consequências dessa nova realidade.

¹ Psicólogo pela PUC Minas – Unidade São Gabriel.

² Doutora em psicologia. Professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. Orientadora de monografia no curso de Psicologia da PUC Minas, Unidade São Gabriel.

³ Mestranda e Bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Minas.

de na vida desses/as pais/mães e no contexto geral da família. Essa temática específica se enquadra no cenário histórico e social da homossexualidade e visou enfatizar o posicionamento dos/as pais/mães perante essa situação muitas vezes rodeada de conflitos, tabus e preconceitos. Diante disso, o objetivo geral dessa pesquisa foi compreender os processos de subjetivação vivenciados por pais e mães ao descobrirem a homossexualidade do/a filho/a. A partir dessa base teve-se como objetivos específicos identificar possíveis conflitos emocionais e sociais desses/as pais/mães após a notícia; perceber os recursos encontrados para o enfrentamento dessa nova realidade e reconhecer modificações nas relações familiares a partir dessa situação apresentada. Como se verá ao longo do texto, apenas mães se dispuseram a participar do estudo, embora os pais também tenham sido convidados.

A justificativa para escolha do tema se deu através de entrevistas realizadas com homossexuais em um projeto de pesquisa da disciplina Práticas Investigativas III no decorrer da graduação. Foi possível perceber que a homossexualidade e o processo de assumir-se, provocam no sujeito grandes dificuldades sociais e angústias pessoais. Em muitos casos o fato de assumir-se homossexual pode não ocorrer, devido às inúmeras ações preconceituosas e discriminatórias e a família não fica fora disso. Como se tem testemunhado em diferentes interfaces midiáticas e mesmo na formação em psicologia, apesar das discussões e manifestações sobre a homossexualidade estarem crescendo em diversas esferas sociais, este tema ainda é muito velado e difícil de ser abordado em vários contextos familiares, acarretando para as relações familiares angústias, silêncio e tensões. Além disso, muitas pesquisas e escritos voltam-se para questões de direitos homossexuais, mas pouco se encontra sobre a realidade dos/as pais/mães ao receberem a notícia de que seu filho ou filha gosta e se relaciona de forma afetivo-sexual com uma pessoa do mesmo sexo.

A temática do sexo e da sexualidade é um quesito que há muito tempo é alvo de discussões e curiosidades. Atualmente esse assunto permanece crescente e valorizado em nossa sociedade e rotineiramente faz parte de nossas vidas e relações. Vemos e ouvimos falar sobre esse assunto nos diversos instrumentos de comunicação da mídia, em vários ramos da ciência, na religião, nas rodas de conversa, na política, nas empresas, escolas e também dentro de nossas casas. Estamos inseridos, querendo ou não, nesse ciclo discursivo da sexualidade, porque fazemos parte dele e nos posicionamos, de modo favorável ou não, nas pautas que nele emergem. Mas afinal de contas o que chamamos de sexualidade? O que aprendemos sobre esse assunto e o que estamos reproduzindo? Estamos falando de nós ou dos outros? Estamos criando, reinventando e refletindo a sexualidade ou apenas engolindo sem saborear o que “outros” definiram para nós?

A partir da análise histórica de Michel Foucault, entre os séculos XVII e XIX é possível perceber diversas transformações e mudanças no conceito e na prática do sexo e da sexualidade intercorrendo num misto de liberdade, proibição, silêncio, dominação e controle discursivo influenciados por várias instâncias sociais, políticas, religiosas e econômicas. O argumento central em Foucault é que a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico, não a uma realidade escondida, que se observa com dificuldade, mas um entrelaçamento de saberes e poderes tendo a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, o incentivo ao discurso, a formação de conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências como estratégias técnicas e dinâmicas, de variadas formas e conjunturas. Foucault (1993) define dispositivo como:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas [...] o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 1993, p. 244).

Louro (2001) se apoia nas considerações foucaultianas, afirmando que há muitas formas de tornar-se homem ou mulher de acordo com a época, religião, geração, nacionalidade, classe e que a vivência e experimentação de prazeres e desejos corporais são geralmente ofertados e apresentados socialmente da mesma forma que são também regulados, negados, renovados e condenados. Essa autora corrobora com a definição de sexualidade como um “dispositivo histórico”, conforme concebido por Foucault, apresentando que a sexualidade é uma “invenção social” que se constitui historicamente, ou seja, se edifica através dos vários discursos e saberes sobre o sexo, discursos que normatizam, regulam e produzem certezas e verdades a serem digeridas, aceitas e seguidas.

Judith Butler problematiza até mesmo a discussão historicamente situada, pois apresenta novos sentidos e significados às categorias corporais e a própria sexualidade. A autora propõe uma teoria performativa de atos de gênero que ultrapassa e abre novos caminhos para as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, culminando em uma ressignificação de conceitos historicamente estabelecidos para estruturas binárias homem/mulher. A autora busca exprimir, no interior de perspectivas estabelecidas, críticas às categorias de gênero, sexo e identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas definem, impõem e naturalizam.

Butler (2003) afirma que ser homem ou mulher ou apresentar características sexuais distintas não restringe nem define tudo que alguém possa performar no campo das sexualida-

des. O termo gênero com suas “parafernálias teóricas”, argumenta a autora, nem sempre se constitui de maneira coerente e consistente nos diferentes contextos históricos. Esse conceito apresenta atravessamentos raciais, de classe, étnicos, sexuais e de identidades constituídas por meio de discursos das múltiplas esferas sociais. Com isso torna-se difícil dissociar a noção de gênero das interseções políticas e culturais que consequentemente a produz e mantém.

A instituição da heterossexualidade como regra padrão direciona o gênero a uma relação binária, diferenciando e classificando assim, masculino e feminino. Através dessa diferenciação se estabelece práticas de desejo heterossexual. Essa diferenciação oposicional do sexo/gênero gera uma consolidação de cada um de seus termos e “cria” uma coerência interna respectiva ao sexo, ao gênero e ao desejo (BUTLER, 2003, p. 45)

É nesse sentido que Butler (2003) propõe sua teoria performativa, pois segundo ela, sexo, gênero e sexualidade são conjuntos de atributos flutuantes, cujo efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente o gênero passa a ser performativo no interior do discurso herdado, constituinte da identidade que supostamente é. O próprio sujeito torna-se objeto de seu fazer. A performatividade é um conceito em desenvolvimento, mutante de sua própria performance teórica, como algo que se faz e se desfaz. De acordo com a autora “a performatividade deve ser compreendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas ou invés disso, como a prática reiterada e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 2003, p. 154)

A temática emergente da homossexualidade tem gerado problematizações e polêmicas culturais e ainda é alvo de grandes discriminações e violências, fato este que na maioria das vezes inicia dentro de casa. Schulman (2010) afirma que as famílias passam a lidar com a homossexualidade como tolerância e não como algo paralelo à heterossexualidade. Devido ao “comportamento desviante” os homossexuais passam a ser tratados de forma inferiorizada na estrutura familiar. Essa autora apresenta ainda, que a homofobia no contexto familiar se manifesta desde “piadinhas e brincadeiras inocentes” até agressões verbais e físicas podendo gerar inclusive exclusões do contexto familiar.

A homofobia é definida por Borrillo (2009) como uma atitude de hostilidade para com os homossexuais. Uma manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário, inferior ou anormal. Devido a sua diferença, esse outro é posto fora do universo comum dos humanos. Este autor afirma que o homossexual na maioria das vezes é visto como bizarro, estranho ou desviante, aquele com o qual não cabe qualquer identificação. De acordo com Mott (2002) a opressão da homossexualidade perpassa fortemente o contexto familiar:

Enquanto para os membros das demais minorias sociais, a família constitui o principal grupo de apoio no enfrentamento da discriminação praticada pela sociedade global, no caso dos homossexuais é no próprio lar onde a opressão e a intolerância fazem-se sentir mais fortes. A mãe negra, o pai judeu, a família indígena reforçam a auto-estima étnica ou racial de seus filhos, estimulando a afirmação dos traços culturais diacríticos que auxiliarão vitalmente a estas crianças e adolescentes a desenvolverem sua auto-estima, identidade, orgulho e afirmação enquanto grupo étnico, racial ou religioso diferenciado. Com os jovens gays, lésbicas e transgêneros a realidade é tragicamente oposta: pais e mães repetem o refrão popular "prefiro um filho morto do que viado!", ou "antes uma filha puta do que sapatão!" Muitos são os registros de jovens homossexuais que sofreram graves constrangimentos e violência psíquica e física dentro do próprio lar quando foram descobertos: insultos, agressões, tratamentos compulsórios destinados à "cura" da sua orientação sexual, expulsão de casa e até casos extremos de execução". (MOTT, 2002, p. 147-148).

A heterossexualidade como regra padrão a ser seguida, ou seja, a heteronormatividade é justificada por pressupostos de naturalização das práticas sexuais heterossexuais fundamentadas no discurso sobre a biologia humana de modo a naturalizar os corpos e a relação sexual a partir de uma compreensão binária do sexo (LIONÇO; DINIZ, 2009). Assumir a homossexualidade no âmbito familiar traz consigo o medo da rejeição. Quando essa rejeição acontece, a pessoa homossexual passa a ser um "bode expiatório" da família, pois geralmente está sozinha.

A família, no decorrer da história, vem se modificando e hoje nos deparamos com diversos arranjos familiares que destoam do modelo patriarcal/nuclear reinante. As várias mudanças sociais estimulam mudanças no interior da família e conseqüentemente essas mudanças internas contribuem para alterar o contexto social. A contemporaneidade traz à tona mudanças nas estruturas sociais e reconfigura aos poucos os modelos patriarcal e nuclear borrando a perspectiva de família como pai, mãe e filhos e abrindo espaço para novas possibilidades de conceituar e compreender esse agrupamento de sujeitos. Portanto, a compreensão tradicional de estabilidade familiar vai cedendo espaço para outras composições e estruturas.

Singly, citado por Toledo e Teixeira Filho (2013, p. 381), afirma que "é no espaço onde circula o amor que se constrói uma grande parte da identidade pessoal dos indivíduos". Segundo esses autores é principalmente na família que se adquire sentido existencial na contemporaneidade. Portanto, faz-se necessário o reconhecimento da pessoa ou pessoas a quem definimos importantes e parte de nós. Nesse caso, a pessoa homossexual busca na família aceitação, respeito e reconhecimento a fim de se sentir parte desse pequeno grupo social em que circulam laços afetivos e de base na formação humana. Nesse sentido, Toledo e Teixeira Filho (2013) expõem que os processos de subjetivação de cada sujeito estão diretamente associados à constituição familiar, por isso há grande necessidade de aceitação e reconhecimento

por parte da família a partir do vínculo idealizado de amor que a constitui. A não aceitação da homossexualidade no contexto familiar, desse modo, gera inúmeros sofrimentos, pois desconfigura o ideal acolhedor e aconchegante da noção atual de família e destitui o sujeito como parte “saudável e aceita” dessa configuração idealizada.

Outro ponto que permeia a relação entre os membros do núcleo familiar é idealização dos filhos por parte dos pais. Desde a descoberta da gravidez, principalmente as desejadas, alguns pais e mães passam a sonhar e idealizar como será esse filho ou filha. Vislumbram seu rostinho, sua forma de ser, seu sexo, sua voz e suas heranças genéticas. Será que vai parecer com o papai ou a mamãe? Após a descoberta ansiosa se é menino ou menina começam a planejar o quarto, comprar roupinhas específicas de acordo com o sexo, brinquedos pautados nas atribuições sociais de gênero e várias outras questões geralmente baseadas na distinção binária do sexo. As idealizações não param por aí. Depois vem o material escolar “cor de rosa ou azul”, jogos específicos de menino ou menina, tarefas de homem e de mulher, futuras profissões e a partir de tudo isso os pais passam quase que a vida toda sonhando coisas, gostos e ações para seus/suas filhos/as. Diante de todo esse cenário, será que podemos afirmar que algum pai ou mãe idealiza um filho ou uma filha homossexual?

Stengel (2004) apresenta que estamos inseridos em uma lógica que os/as filhos/as são espelhos de seus pais e mães. Suas posturas, comportamentos e valores são consequência da socialização primária que receberam dentro de casa. Socialmente os pais são extremamente responsabilizados pelo sucesso ou fracasso pessoal e social de seus/suas filhos/as. Caso o/a filho/a “deslize ou escorregue” com relação aos ensinamentos dos pais isso gera grandes frustrações e sentido de fracasso pessoal para esses pais e diante de outras pessoas. Essa autora afirma ainda que muitas vezes os/as filhos/as são vistos como um cartão de visita dos pais. Se os/as filhos/as se apresentam de acordo com as normais sociais e culturais esperadas certamente idealizam-se pais competentes no desempenho de seu papel. A partir dessa afirmação e da formação heterossexual naturalizada com que a grande maioria dos pais foram educados pode-se imaginar possíveis decepções, culpabilizações e insucessos que muitos pais vivenciam com relação ao anúncio da homossexualidade de seu/sua filho/a. Possivelmente são visualizadas por esses pais, a princípio, imagens deturpadas de si mesmos no reflexo de seus/suas filhos/as e cartões de visita constando informações falsas ou errôneas.

A homossexualidade é em grande parte encarada como uma traição que questiona o/a filho/a idealizado. Desde o berço, as cores de menino e de menina, os brinquedos, o tratamento e as roupinhas demarcam o território específico de cada gênero atribuindo à criança a masculinidade ou a feminilidade de acordo com cada sexo. A hostilidade contra os homossexuais

denuncia muito mais que apenas preconceito, mas há um desrespeito da pessoa não-heterossexual a seus atributos masculinos ou femininos “naturais”. A pessoa é vista como um traidor ou desertor do gênero ao qual ele ou ela pertence “naturalmente” (BORRILLO, 2009).

A partir da possível dificuldade de identificação e estranhamento desse/a “novo/a filho/a” que se apresenta a subjetividade desses pais é atravessada por questões às vezes desconhecidas e inesperadas de acordo com a homossexualidade que se manifesta. A subjetividade aqui não é entendida de forma natural, uma substância ou permanência, nem um ponto particular da interioridade da pessoa, um fato determinado, mas sim, como um objeto que apresenta um caráter histórico, um instável jogo de forças dos enunciados e dispositivos.

Nessa perspectiva, cabe ressaltar a subjetivação como um processo marcado e atravessado por distintas forças sociais e culturais, embora o “eu” seja percebido como um “self narrável” como realidade intrapsíquica estável, fruto de certa essência que caracterizaria o sujeito. Como Rose (2011) questiona, variadas teorias psicológicas retiram de cena os múltiplos agenciamentos e composições processuais envolvidos na “invenção dos nossos eus”. Portanto, podemos perceber que tanto a sexualidade como a subjetividade, são processos, construtos sociais que permeiam nossas vidas e relações podendo ser geradores de segregações e disparidades ou de saúde, qualidade de vida e inserção social.

2 METODOLOGIA

Como proposta metodológica, este estudo tem escopo qualitativo. A pesquisa qualitativa de acordo com Flick (2009) aponta a primazia da compreensão como princípio do conhecimento. O foco da pesquisa qualitativa está sempre centrado na compreensão dos significados que o indivíduo atribui as suas ações e o pesquisador procura entender estes significados segundo as perspectivas destes indivíduos que estão sendo estudados.

Foi utilizado, como instrumento de coleta de dados, a entrevista narrativa. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2007), o fato de contar histórias é uma forma elementar da comunicação humana e uma capacidade universal, independente do desenvolvimento da linguagem. Através das narrativas as pessoas lembram o que aconteceu, atribuem uma sequência à experiência vivida, encontram possíveis explicações e sentidos para tal fato ou situação e os insere na cadeia de acontecimentos que edificam a vida individual e coletiva. A narrativa além de informar acontecimentos articula tempo e sentido mostrando as motivações do sistema simbólico de quem a conta.

Jovchelovitch e Bauer (2007) afirmam também que a entrevista narrativa tem por critério estimular e encorajar o entrevistado a narrar fatos importantes de sua vida e do contexto social. Sua base é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes. Ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade e com características específicas. A narração substitui o esquema pergunta-resposta que define a maioria das situações de entrevista. A entrevista narrativa se estrutura através de quatro etapas: começa com a iniciação, desenvolve-se através da narração e da fase de questionamento e encerra com a fala conclusiva.

Nesta pesquisa foram realizadas quatro entrevistas narrativas com mães de pessoas homossexuais sendo que destas, duas eram mães de gays e duas de lésbicas. Cada entrevista teve duração média de 40 minutos. Três entrevistas aconteceram na casa das entrevistadas, devido à preferência das mesmas, e uma em um centro comunitário do bairro da entrevistada. O critério para participar da entrevista era ter pelo menos um/a filho/a homossexual e já estar ciente da sexualidade vivenciada por esse/a filho/a.

Foram feitas quatorze tentativas, mas apenas quatro mães se dispuseram a conceder entrevistas. Nas outras dez os pais dessas pessoas se negaram a falar sobre a temática abordada pela pesquisa, afirmando não gostarem ou não se sentirem confortáveis para falar sobre esse assunto com pessoas que não são de seu ciclo de amizade. Os contatos com as quatorze famílias foram feitos por meio da técnica “bola de neve”, criando-se uma rede de contatos em que uma pessoa indicava outra. Essa estratégia é recomendada por Turato (2003) como uma das possibilidades de composição intencional do grupo de sujeitos. A proposta inicial dessa pesquisa era entrevistar pais e mães de pessoas homossexuais, mas das quatro famílias que se disponibilizaram a participar, duas das mães são viúvas, uma divorciada e a outra casada como consta no Quadro 1 que caracteriza as mães entrevistadas:

Quadro 1 - caracterização das entrevistadas

Nome	Idade	Filho/a	Religião	Profissão	Estado Civil	Escolaridade
Cláudia	52 anos	Fernando	protestante	do lar	casada	Ens. Fundam. incompleto
Ana	64 anos	Beatriz	católica	cozinheira	viúva	Ens. Fundam. incompleto
Débora	50 anos	Arthur e Bruno	espírita	professora	divorciada	Ens. Superior completo
Priscila	70 anos	Luana	católica	costureira	viúva	Ens. Fundam. incompleto

Fonte: dados da pesquisa.

Devido à recusa da participação dos pais, como contingência do trabalho de campo, apenas mães foram envolvidas. As entrevistadas relataram que tiveram que lidar com esse

assunto sem o apoio dos maridos, pois duas receberam a notícia após o falecimento de seus esposos. O marido da Cláudia, segundo ela, se apresenta muito resistente diante desse fato e não gosta de conversar sobre isso e o ex-marido da Débora, apesar de ter pouco contato com os filhos, “finge que não sabe”, de acordo com suas palavras. Todas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), seguindo-se recomendações do Conselho Nacional de Saúde para pesquisas envolvendo seres humanos (CNS, 2012). Após a assinatura do TCLE, iniciava-se a conversa com a seguinte questão: “*Gostaria de ouvir de vocês o relato de como receberam a notícia da homossexualidade do(a) seu(sua) filho(a) e quais foram as repercussões e consequências vivenciadas a partir dessa notícia*”.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente foi realizada a análise de dados. Foi preservado o sigilo ético em cada entrevista, sendo omitidas informações que pudessem identificar as entrevistadas. Os nomes de pessoas e instituições mencionados neste texto, portanto, são fictícios. Cláudia, Ana, Débora e Priscila, mães de Fernando, Beatriz, Arthur/Bruno e Luana, respectivamente, foram as entrevistadas nesse estudo.

As estratégias de análise adotadas apoiaram-se nas considerações de Gibbs (2009), que recomenda a construção de “ferramentas de análise”. O Quadro 2 sintetiza as atividades analíticas que auxiliam os/as leitores/as a acompanharem o trabalho realizado:

Quadro 2 – Tarefas do trabalho analítico

Passo	Tarefa de análise
Passo 1	Após as transcrições, iniciou-se a análise de dados através de repetidas leituras de cada entrevista a fim de adquirir familiaridade com cada trajetória, estrutura e conteúdo narrativo;
Passo 2	Foram feitos resumos escritos de cada história, identificando características fundamentais como início, meio e fim e os principais elementos narrativos;
Passo 3	Temas comuns e específicos de cada narrativa foram marcados observando as convergências e divergências de cada narrativa;
Passo 4	Dos temas identificados foram sublinhados os que convergiam para os objetivos da pesquisa e também outros que não eram alvo de destaque, mas que apareceram nos conteúdos narrativos;
Passo 5	Foram identificadas mini-histórias ou subtramas que se apresentaram no decorrer de cada narração;
Passo 6	Destacou-se sentimentos e reações de cada narradora, linguagens emotivas e a forma com que cada uma se apresentou na interação proporcionada pela pesquisa;
Passo 7	Posteriormente, iniciou-se a articulação entre as ideias desenvolvidas nas narrativas e a literatura teórica utilizada;
Passo 8	Foram feitas comparações temáticas caso a caso demonstrando visões similares e diferentes sobre o mesmo assunto.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao longo do trabalho com os dados, foram utilizadas ferramentas da análise estrutural, temática e dialógica para articulação e interpretação das informações oriundas de cada narrativa, elegendo-se “ferramentas analíticas” dos autores consultados (GIBBS, 2009;

RIESSMAN, 2008). Durante as leituras das entrevistas foi possível identificar eventos marcantes, experiências vividas, sentimentos, reações e a forma com que cada mãe se apresentou para o entrevistador. Depois foram agrupados e analisados temas comuns encontrados nas diferentes histórias e também temas distintos que convergiam para os objetivos da pesquisa. Como resultado do processo de análise, os dados serão apresentados e discutidos em três eixos: 1) como as mães receberam a notícia; 2) as consequências eliciadas na vida dessas mães e no contexto da família e por fim o item 3) como cada mãe ressignificou a relação com o/a filho/a a partir dessa “descoberta”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início das narrativas as entrevistadas começaram citando o dia que receberam a notícia da vivência da sexualidade de seus/suas filhos/as, tal como os personagens principais, o contexto no qual estavam inseridas e como foi dito para elas. Foi possível perceber que o conteúdo da estrutura inicial foi um exercício de voltar ao passado, rememorando-se o dia e como foi para os/as filhos/as e para elas falarem sobre esse assunto. Labov (2013) apresenta que além da estrutura de início, meio e fim algumas narrativas apresentam seis elementos ou alguns deles que possibilitam entender as funções que a história exerce. Segundo esse autor essa estrutura e seus elementos contribuem para um entendimento de como as pessoas dão forma e sentido aos eventos e como elas os apresentam.

Nesse início de análise podemos perceber a *orientação* como um dos elementos narrativos. De acordo com Labov, citado por Gibbs (2009, p. 94), na orientação podemos perceber “o momento, o lugar, a situação, os participantes da história. Diz quem, o que, quando e onde, informando o elenco, cenário, época, etc”. No Quadro 3 dá-se visibilidade às características da orientação nesse momento da entrevista e contextualiza a inserção no enredo a partir de como essas mães ficaram sabendo da homossexualidade de seus/suas filhos/as.

Quadro 3 - Como as mães receberam a notícia

CLÁUDIA
Eu fui saber no dia da morte da minha mãe. Eu fui para o enterro e quando eu voltei, cheguei em casa e deitei e aí ele deitou junto comigo e falou: “mãe eu já tive várias namoradas mas eu gosto é de gay”. Aí eu disse: “a opção é sua”. Aí foi passando, passando e depois de uns três meses eu acordei, levantei, passei na porta do quarto dele, bati e aí quando eu abri eu vi que ele estava junto com um rapaz. Aí eu cumprimentei o rapaz e fui para a cozinha fazer o café para eles.
ANA
Olha a notícia eu não recebi porque eu mesma vi. O dia que eu descobri eu saí do serviço e resolvi passar por outro caminho e aí eu encontrei com ela de mãos dadas com outra menina na rua e aí eu fui embora e quando ela chegou em casa eu falei com ela: “que palhaçada era aquela toda”. E aí ela falou comigo que era a nova namorada dela.
DÉBORA
O mais velho saiu de casa para fazer faculdade fora, largou a Federal aqui e eu sabia que ele estava indo tentando fugir do problema, medo de como eu iria encarar e quando ele voltou ele confirmou comigo o que eu já sabia e eu falei com ele: “bobeira, você não conhece a mãe que você tem”.
[...] No dia que o caçula veio me contar, eu quase nem lembro direito, acho que a data marcou mais pra ele do que pra mim, (risos...) Foi a noite, ele me chamou e falou: “mãe eu tenho uma coisa pra te falar”. Aí eu disse: “o que meu filho?” Aí ele mudou de assunto e ficou me enrolando e depois disse: “mãe eu sou gay”. Aí eu disse: “Oh! Eu já sabia!” E aí começamos a rir.
PRISCILA
Oh a minha filha nunca me falou nada, eu não sei se é achando da minha reação, medo de eu não gostar. Eu também nunca perguntei, nunca falei nada, mas eu percebo tudo que acontece.
[...] As outras filhas não são assim. Ela nunca se abriu comigo porque ela sabe que eu percebo. Ela nunca chegou a me falar, mas eu percebo. Eu sou bem observadora, só que eu sou calada. Eu não falo. Agora se chega alguma “amiga” dela aqui que eu não gosto, aí eu já falo.

Fonte: Dados da pesquisa.

No dia da entrevista com Priscila foi confirmado que ela ainda não tinha conversado sobre esse assunto com a filha, apesar de saber da vivência sexual e afetiva da mesma, por isso avaliou-se importante permanecer com a inclusão dessa entrevista no processo de análise devido à riqueza de informações que ela compartilhou em sua narração. Esse fato também ressalta a dificuldade que algumas famílias têm em abordar a temática da homossexualidade no contexto familiar. Nos outros relatos podemos observar a mesma dificuldade. O filho da Cláudia decidiu contar em um dia que sua mãe estava emocionalmente fragilizada, pois tinha acabado de enterrar sua mãe. A filha da Ana não chegou a falar para sua mãe sobre esse assunto; só conversaram quando Ana viu a filha com a namorada na rua e a questionou. Débora demonstra certa dificuldade dos filhos em contar para ela sobre a homossexualidade mesmo que ela se considere “aberta” para esse tipo de questão. Segundo ela, o mais velho inclusive mudou de cidade e universidade fugindo desse diálogo.

Esses relatos evidenciam que, apesar da sexualidade fazer parte de nossa vivência e discursos cotidianos, algumas pessoas ainda encontram certas dificuldades em tratá-la no âmbito nuclear da família. Podemos relacionar esse fato a resquícios históricos do século XVII, pois segundo Foucault (1989) nesse século a sexualidade foi reduzida para o contexto interior

da família e silenciada em torno do sexo, passando a ser tratada com discrição, segredo e repressão. Atualmente já avançamos muito nessa questão, mas ainda temos um percurso longo a caminhar.

3.1 “E depois, o que aconteceu?”: a sequência de eventos

Considerando a particularidade de cada família e as distintas formas que cada uma encontrou para tratar desse assunto pode-se observar o desenrolar dessa notícia como um fator envolvido de emoções, tabus e embaraços. Aqui podemos perceber a forma com que cada mãe lidou com a questão da homossexualidade de seus/suas filhos/as e as consequências dessa notícia no âmbito social e relacional da família.

Cláudia e Débora relatam terem aceitado bem a notícia e não haverem sofrido com a mesma, diferente de Ana e Priscila, mas todas tiveram que lidar com conflitos decorrentes dela. De acordo com Louro (2001) a “quebra” do padrão normatizado da heterossexualidade é acompanhado por uma aversão da homossexualidade manifestando sinais de homofobia velados ou visíveis. Nas falas de Cláudia e Débora podemos observar tal questão:

Pra mim isso não foi nada que me escandalizou [...] Já meu marido é contra isso tudo, hoje ele perdeu a amizade com meu filho, os dois não se falam, eu também converso o necessário com meu marido, a gente quase não tem contato mais, porque ele chegava tonto e ficava implicando com meu filho, aí eu tinha que entrar e defender. Isso já tem quase três anos. Desde quando minha mãe faleceu e o Fernando me contou, a gente foi só esfriando e se afastando. A gente mora junto hoje, mas não somos mais um casal.

[...] Eu já tive uma depressão há um tempo atrás e aí eu ficava pensando: “será que ele não explicou direito pra mim? Será que eu entendi mal?” Mas quando eu levantei e vi o rapaz lá no quarto dele e tudo eu percebi que ele tinha falado a verdade mesmo, mas eu não sofri muito com isso não. Ele é um ótimo filho. Muito bom pra mim. Então eu nunca tive muito sofrimento com ele não. (CLÁUDIA).

Então a homossexualidade dos meus filhos é uma coisa tão mínima. Infelizmente o pessoal faz uma tempestade num copo d’água. Só pra você ter uma ideia, aqui na minha cidade tem casos que as pessoas são casadas só para satisfazerem a vontade dos pais e da sociedade e eu morro de dó. Meu ex-marido é uma cara de cabeça super fechada, ele não sabe da boca dos meus filhos, se desconfia faz de bobo, ele é o tipo de cara que se sabe faz de bobo. Se eles falassem ele não aceitaria e mora aqui perto. Eu não aceitaria jamais que ele viesse fazer qualquer coisa contra meus filhos. Gente família é isso aí, é aceitar as diferenças mesmo [...] (DÉBORA).

As duas entrevistadas citadas neste ponto afirmam terem aceitado e lidado de forma tranquila com a notícia. Em contrapartida, o marido de Cláudia reagiu de forma bastante aversiva. Débora relatou que seu ex-marido finge não saber e, pelo que conhece dele, diz que pro-

vavelmente não aceitará bem essa situação. A questão da homossexualidade do filho da Cláudia apesar de não ter sido tão problemática para ela atrapalhou seu relacionamento com o marido, pois Cláudia se posicionou de forma favorável ao filho e, conseqüentemente, se distanciou do relacionamento com o marido a ponto de não se enxergar mais como um casal. Podemos perceber que, de certa forma, Cláudia se contradiz um pouco em seu discurso, pois a princípio diz que essa notícia não foi problema para ela, mas depois afirma que não sofreu muito com isso, quase que um sofrimento velado. Outro ponto importante a ser ressaltado é a influência das mães no relacionamento entre os irmãos. Após a notícia, das quatro entrevistadas três tiveram que intervir e sensibilizar os/as demais filhos/as a de fato superarem as diferenças e buscarem o respeito mútuo. Tal questão fica clara nos relatos abaixo:

Então o meu medo mesmo era do Rafael ficar contra ele. Eu sempre falava: “Rafael você não levanta contra o Fernando, ele é seu irmão, o dia que você precisar de um ombro amigo vai ser o dele porque ele te conhece. Quando você for depender de alguém é nos seus irmãos que você vai chegar primeiro, tanto no Fernando quanto na Renata” e aí eu sempre ia conversando com ele. Agora a esposa dele está grávida e um dia ele foi se levantar contra o Fernando e aí eu intervi e falei: “olha! Não fala nada, não fala porque sua esposa está grávida, a gente espera que venha com bastante saúde, seja um homem normal, mas não julgue” [...] Mas eu tinha muito medo. Medo até do Rafael querer agredir o namorado do Fernando quando ele morava aqui com a gente. (CLÁUDIA).

Os irmãos lidaram bem com isso sabe, foi só uma vez que um deles foi falar mal e ela não gostou, eles começaram a discutir e aí eu entrei e falei que não, todos nós temos nossas diferenças e temos que nos respeitar. Mas hoje todos lidam bem com isso e se tratam muito bem. São todos muito amigos [...] (ANA).

Ainda na tentativa de sustentar o modelo padrão heterossexual, Toledo e Teixeira Filho (2013) apontam que as famílias investem e esperam a correspondência de sexo e gênero na manifestação sexual de seus filhos buscando estratégias distintas para valorizar a heterossexualidade em detrimento da homossexualidade, utilizando esse recurso como mecanismo de exclusão e controle. Além disso, Louro (2001) acrescenta que a heterossexualidade generalizada e internalizada funciona como modelo padrão para todos os sujeitos. Entende-se que naturalmente todos devem sentir desejos e atração sexual pelo sexo oposto e os que não se inclinam a essa vertente muitas vezes são estigmatizados como antinaturais, estranhos e anormais. Os discursos de Ana e Priscila deixam transparecer esse apontamento trazido:

Eu fiquei revoltada porque eu sabia que ela estava namorando, mas pra mim ela estava namorando com um rapaz, porque isso foi coisa que eu cansei de ver, mas o dia que eu vi ela com outra pessoa e ela resolveu ir morar junto então [...] Ela já namorou com um tanto de rapazinho, tudo certinho, tudo bonitinho e eu nunca pus na cabeça que um dia isso pudesse acontecer [...] (ANA).

Eu te confesso que normal eu não acho, mas eu não posso obrigar ela a fazer uma coisa que ela não queira, então ela tem a vontade livre, mas eu não gostaria que fosse assim [...] Às vezes eu chego a chorar [...] ela nunca tocou no assunto, mas se ela tem relação com outra pessoa eu nunca vou me aproximar, infelizmente é o que eu sinto aqui, porque eu tenho que ser sincera, não adianta eu mentir com você aqui não. É isso mesmo que eu estou falando. Nunca vai ser igual. (PRISCILA).

Apontando a anormalidade citada por Priscila, Borrillo (2009) relaciona a homofobia como uma manifestação arbitrária que visa qualificar o outro como anormal, contrário ou inferior. Com isso a homossexualidade é vista como algo estranho e o homossexual passa a ser uma pessoa incompatível de identificação no contexto familiar de heterossexuais. Nesse sentido Foucault (1988) também afirma que a sexualidade é entendida com algo “não saudável”, que precisa ser tratado e ordenado e o homossexual um ser que apresenta “sensações sexuais contrárias”, quase que uma nova espécie de humanos. Cláudia, apesar de manifestar uma grande compreensão da homossexualidade do filho e reconhecer ganhos a partir dela, chega a citá-lo como uma espécie diferente:

Teve muitas turbulências dentro de casa, mas eu acho que não perdi muita coisa com tudo isso não. Eu acabei foi ganhando novas amizades, ele começou a trazer outros colegas da mesma espécie dele, a gente se deu muito bem, conversamos, eu servia um café pra eles todos [...] (CLÁUDIA).

Priscila por sua vez classifica as “amigas” homossexuais da filha como más companhias. Ana também demonstra grande resistência e sofrimento inicial:

Aí eu fiquei muito revoltada, muito chateada mesmo. Eu fiquei muito decepcionada na hora que eu vi, quando eu cheguei em casa eu conversei e perguntei pra ela o que estava acontecendo e ela me explicou. Aí eu peguei e falei com ela assim: “Uai você não tem namorado minha filha?” Ela foi e virou pra mim e falou que tomou a decisão e que essa era a escolha dela. Quando ela falou pra mim que foi escolha eu fiquei muito revoltada, fiquei mais de um mês sem conversar com ela [...] (ANA).

A partir dessa análise podemos perceber outro elemento narrativo: a *ação complicadora*. Labov (2013) afirma que na ação complicadora expressa-se a sequência de eventos. Os fatos principais da história são descritos envolvendo momentos marcantes, crises ou conflitos e também a forma como o/a narrador/a conseguiu vivenciar esses fatos. Nas narrativas apresentadas podemos perceber revoltas, medos, preconceitos, resistências, angústias e vários outros sentimentos e desafios a serem confrontados e superados, mas também foram apontadas compreensões, ganhos, acolhidas, afeto e formas diferentes de pensar e encarar a sexualidade e suas formas de manifestação.

Apesar das resistências declaradas por Cláudia e Priscila podemos perceber performatividades de afeição materna diante da homossexualidade dos filhos, pois mesmo não concordando com a vivência sexual dos/das filhos/as, elas os/as acolhem e protegem. Como mencionado anteriormente, observamos a intervenção das mães diante da hostilidade dos irmãos e também com os maridos ou outros membros da família. Além disso, percebe-se uma preocupação em não abandonar os/as filhos/as, nem desprezá-los por causa da orientação sexual. Fazendo uma analogia com a agressividade homofóbica muitas vezes manifestada nas ruas, vários fragmentos narrativos expostos nessa análise mostram que a homofobia no contexto familiar se pauta igualmente em imposições da cultura heteronormativa em que vivemos e, em alguns casos, é suavizada pelas relações afetivas estabelecidas no interior da família e em características como acolhida, proteção e compreensão naturalmente esperadas das mulheres/mães.

3.2 Enfim, aceitar, conformar ou camuflar a situação?

Após o conhecimento da homossexualidade de seus/suas filhos/as, cada mãe, com suas respectivas famílias, reagiu de formas diferentes em alguns pontos e similares em outros, como mencionado anteriormente. Depois desse percurso cabe analisarmos o que foi feito com essa situação, que para umas foi novidade e para outra apenas uma confirmação. Débora afirma que os pais e mães provavelmente desconfiam da homossexualidade de seus/suas filhos/as, mas preferem não enxergar ou passar por cima dessa questão. Ana e Cláudia contrapõem a afirmativa de Débora dizendo não terem percebido ou desconfiado de nada antes da notícia.

Outro ponto apresentado por todas as mães entrevistadas foi o de apresentar curiosidades em entender o motivo da homossexualidade de seus filhos e filhas ou apresentarem justificativas e explicações para tal fato. Priscila e Cláudia demonstram as seguintes dúvidas:

Eu quis, mas até hoje eu não tive oportunidade de perguntar um especialista de onde vem isto: de homem gostar de homem e mulher gostar de mulher. Se é o organismo? Se já nasce assim? Eu fico pensando nisso, mas até hoje eu não conversei sobre isso com ninguém porque eu sou uma pessoa muito reservada. Eu não gosto de ficar fazendo esses comentários. Eu não comento com ninguém de fora [...] (PRISCILA).

Agora as vezes eu fico me perguntando: será que essas pessoas já nasceram desse jeito? Com esse tipo de pensamento? Essa pergunta pra mim fica no ar até hoje? (Risos...). (CLÁUDIA).

Débora, Cláudia e Priscila discorrem sobre o assunto, formulando explicações e apoiando-se em embasamentos religiosos na tentativa de explicar a homossexualidade de seus/suas filhos/as. Cláudia apresenta dúvidas em seu discurso sobre a compreensão da homossexualidade do filho. Será que isso é de ordem natural, uma doença, maldição ou um castigo divino? Nesse caso podemos perceber, conforme afirma Butler (2001), que a cultura impera sobre o sexo e o gênero, e as regras e discursos estabelecidos e engessados definem previamente as características imagináveis do gênero na cultura. Esse fato é marcante nas concepções biológica, médica e religiosa e atravessam a construção subjetiva de muitas pessoas delineando o que é experimentado como o que de fato é ou dever ser a sexualidade.

Como já mencionado, Stengel (2004) argumenta que os/as filhos/as são “cartões de visita” de seus pais e mães, como espelhos que refletem compreensões reais e imaginárias dos mesmos. Então, a partir de uma heterossexualidade entendida e construída como natural e padrão esses pais podem passar por processos de responsabilização, culpabilização e insucesso se sentindo de alguma forma provocadores da homossexualidade declarada. Na fala de Débora sobre as possíveis explicações da homossexualidade de seus filhos ela chega a pensar que poderia ter sido responsável pela homossexualidade do filho mais velho. Ana também se responsabiliza afirmando que:

Ela sempre foi muito bem tratada, namorou muito com vários rapazes, mas o motivo eu não sei. Eu não sei se é porque eu trabalho muito sabe, mas infelizmente é assim. Eu já pensei se é porque eu ficava fora o dia inteiro por causa do trabalho e então eu não tinha muito tempo pra ficar olhando sabe. Eu no meu modo de pensar já cheguei a imaginar que poderia ser por isso sabe. (ANA).

Essa responsabilização por parte das mães aponta para uma realidade social mais ampliada. Durante muito tempo a edificação social da família patriarcal impunha a responsabilidade pela educação e desenvolvimento dos filhos às mães em detrimento dos pais que se mantinham apenas em prover o sustento da família. Então essa culpabilização pode nos indicar resquícios dessa responsabilização massacrante da maternidade que perdurou há várias décadas e ainda sobrevive em muitas famílias e realidades.

Schulman (2010) afirma que a homossexualidade passa a ser tratada pela família como algo tolerável e não como aceitável ou equivalente à heterossexualidade. Priscila e Ana se conformam com a situação apesar de não concordarem com a mesma. Para lidar com essa situação cada mãe encontrou recursos para conseguir melhor adaptação a essa nova realidade. Cláudia decidiu apoiar o filho e enfrentar as dificuldades e preconceitos no contexto familiar e social. Débora afirma que o fato de também ter sido vítima de muitos preconceitos, ter enfren-

tado vários desafios e ter convivido com tantas diferenças através de sua profissão fez com que aceitasse tranquilamente essa situação vivenciada pelos dois filhos.

Ana por sua vez, disse que o tempo, o respeito e o bom relacionamento que tinha com a filha ajudaram a superar as resistências e dificuldades iniciais. Priscila repete que prefere deixar a situação como está, mesmo não aceitando. Acredita que seja melhor permanecer com a situação velada. Como a filha nunca a procurou para contar nada e ela já tem certeza, prefere que fique assim para evitar possíveis conflitos e desentendimentos:

Eu percebo que ela gosta de mulher. Eu pra evitar desgosto eu prefiro não falar nada pra ela, mas eu vou ser bem sincera. Eu não sinto bem com isso não! Vou ser bem sincera. As outras filhas não são assim. Ela nunca se abriu comigo porque ela sabe que eu percebo. Ela nunca chegou a me falar, mas eu percebo.

[...] Porque não é o que eu quero. Infelizmente é coisa que acontece, não quero magoar ela, não quero tocar no assunto, eu sou uma pessoa muito observadora, isso aí eu sei. Eu te confesso que normal eu não acho, mas eu não posso obrigar ela a fazer uma coisa que ela não queira, então ela tem a vontade livre, mas eu não gostaria que fosse assim. (PRISCILA).

Diante da homossexualidade apresentada e das consequências dessa vivência nem todas as famílias estão preparadas para receber essa notícia com alegria e de “braços abertos”, tal como vimos nos fragmentos narrativos de Débora. Em muitos casos – como podemos perceber em algumas falas das outras mães entrevistadas – a homossexualidade, conforme diz Borrillo (2009), é entendida como uma traição que coloca à prova a identidade do ser. Na medida em que desde o berço esperava-se um filho ou filha “compatível” com as identificações de sexo e gênero estabelecidas pela cultura, esse membro familiar passa a ser visto como um desertor do gênero ao qual se idealizava pertencer naturalmente.

Nas narrativas das mães entrevistadas vimos que muitos desafios e atravessamentos se colocam no processo de subjetivação e compreensão da homossexualidade e, muitas vezes, possíveis rejeições e desconfortos se levantam. Mesmo apresentando algumas similaridades, cada família segue seu percurso de enfrentamento dessa situação culminando em aceitação, segregação, conformidade ou simplesmente procura-se “camuflar” a situação, evitando-se falar ou elaborar tal questão, tanto por parte dos/as pais/mães quanto por parte dos/as filhos/as.

A partir de algumas manifestações de hostilidade e aversão apresentadas, podemos observar a significativa ambivalência e conflitos pessoais nas narrativas em questão. Diante das várias dúvidas e questionamentos que cercam a homossexualidade, da necessidade de esclarecimento dessas dúvidas, dos conflitos e sofrimentos vivenciados por essas mães, da sensação

de responsabilidade e culpa e outros pontos apresentados, elas demonstram grande amor e afeto pelos/as filhos/as, reafirmando, repetidas vezes, que apesar disso tudo eles/as são ótimos/as filhos/as, atualmente possuem um excelente relacionamento e estão satisfeitas com os/as filhos/as que têm.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou conhecer e ampliar de forma crítica e reflexiva o processo de subjetivação de mães de pessoas homossexuais. Os objetivos previamente estabelecidos foram alcançados e por meio deles foi possível entender as distintas formas de reação de cada família diante da declaração da homossexualidade dos/as filhos/as e que nem todas as famílias reagem de forma aversiva a tal realidade confrontando assim uma das hipóteses iniciais.

Mesmo com a reação tolerante e acolhedora de algumas mães foi observado que todas as famílias vivenciaram sentimentos e comportamentos de negação, medo, preconceitos, decepções, discórdias, hostilidades, conflitos e angústias, decorrentes da realidade homossexual declarada e assumida. Através disso fica visível que a homofobia no contexto familiar é uma realidade muitas vezes velada e desconhecida por se tratar de um assunto privado e restrito. Nos casos apresentados foi possível perceber também sentimentos contraditórios experienciados pelas mães entrevistadas, pois se por um lado não desejavam que os/as filhos/as fossem assim, por outro os/as acolhem e protegem, mesmo no sofrimento.

Podemos fazer um paralelo e comparação do dispositivo da sexualidade com o processo de subjetivação das mães de pessoas homossexuais entrevistadas, pois vários atravessamentos e influências sociais, políticas, religiosas, científicas e históricas contribuem para a construção dessas subjetividades influenciando muitas vezes formas de ser, agir e pensar. Distinções e similaridades foram percebidas através das formas de posicionamento e enfrentamento da situação em cada família. Em algumas narrativas demarca-se aceitação, em outras, conformação e também aversão e fuga dessa realidade. O tempo, a relação respeitosa entre mãe e filho/a, a empatia, a firmeza no enfrentamento de preconceitos, realidades parecidas vivenciadas pelas mães, o afeto estabelecido nas relações, tal como o amor aos/as filhos/as foram decisivos nesse processo.

Algumas limitações se apresentaram nesse interesse científico, pois foi possível realizar entrevistas apenas com mães de pessoas homossexuais já que duas eram viúvas e os maridos das outras duas não quiseram participar. Com isso foram analisadas apenas narrativas de mães.

Acredita-se na contribuição desta pesquisa para o campo da Psicologia e áreas afins, pois trata-se de um olhar voltado para relacionamentos humanos e se insere em uma perspectiva social que abarca ainda muitos preconceitos e resistências. Através dela pode-se elucidar conflitos e dificuldades pessoais e relacionais que possivelmente serão apresentadas nas diversas áreas de atuação do profissional de Psicologia. Além disso, possibilita reflexões e conhecimentos acerca dessa temática para psicólogos e outros profissionais da “área psi” seja de forma particular ou interdisciplinar favorecendo compreensões e brechas para novas formas de intervenção diante do contemporâneo que nos engloba e provoca.

REFERÊNCIAS

- BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Organizadoras). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009. 196 p.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: **Diário Oficial da União**, 2013.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2009..
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. 432 p.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1989. V.1. 176 p.
- GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 198p.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. (editores). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6ªed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- LABOV, William. **The language of life and death: the transformation of experience in Oral Narrative**,Cambridge: Cambridge University Press p. 14-43, 2013.
- LIONÇO,Tatiana; DINIZ, Débora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. In: LIONÇO,Tatiana; DINIZ, Débora (Organizadoras). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres : EdUnB, 2009.196 p.
- LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 176p.

MOTT, Luiz. Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? In: CORRÊA, Mariza et al. **Gênero & Cidadania**. Campinas-SP, Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero -Unicamp, 2002.

RIESSMAN, Catherine K. Dialogic/Performance Analysis. In: RIESSMAN, Catherine K. **Narrative methods for the Human Sciences**. Los Angeles: Sage Publications; 2008. Cap. 5, p. 105-140.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs**. Petrópolis: Vozes; 2011.

SCHULMAN, Sarah. **Homofobia familiar**: uma experiência em busca de reconhecimento. Trad. Felipe Bruno Martins Fernandes. N.5, 2010, p. 67-78.

STENGEL, Márcia. **Tradições, contradições, transformações**: a família na ótica de pais de adolescentes. 2004. 253f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro.

TOLEDO, Lívia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. **Arquivo brasileiro de psicologia**. [online]. 2013, v. 65, n. 3, p. 376-391.

TURATO, Egberto D. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.